

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/282735647>

Factor analysis of maternal emotional bond

Article · January 2011

CITATION

1

READS

36

6 authors, including:



[Mariana Boeckel](#)

5 PUBLICATIONS 7 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



[Adriana Wagner](#)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

74 PUBLICATIONS 347 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



[Silvia Schein](#)

Faculdades Integradas de Taquara

3 PUBLICATIONS 7 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



[Rodrigo Grassi-Oliveira](#)

Pontifícia Universidade Católica do Rio Gran...

157 PUBLICATIONS 1,592 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



The COCCaINE Project [View project](#)



Development of Digital version of a Dependence severity scale development (ASI-6 - Addiction Severity Index) [View project](#)

Boeckel, Mariana G.; Wagner, Adriana; Ritter, Fernanda; Sohne, Luiza; Schein, Silvia; Grassi-Oliveira, Rodrigo
Análise Fatorial do Inventário Percepção de Vinculação Materna
Interamerican Journal of Psychology, vol. 45, núm. 3, septiembre-diciembre, 2011, pp. 439-447
Sociedad Interamericana de Psicología
Austin, Organismo Internacional

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28425426013>



Interamerican Journal of Psychology,
ISSN (Versão impressa): 0034-9690
rip@ufrgs.br
Sociedad Interamericana de Psicología
Organismo Internacional

Análise Fatorial do Inventário Percepção de Vinculação Materna

Mariana G. Boeckel¹

Faculdades Integradas de Taquara – Faccat

Programa de Pós Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Pucrs

Adriana Wagner

Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Ufrgs

Fernanda Ritter

Luiza Sohne

Silvia Schein

Faculdades Integradas de Taquara – Faccat

Rodrigo Grassi-Oliveira

Programa de Pós Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Pucrs

Resumo

O presente artigo trata da tradução para a língua portuguesa, adaptação e análise fatorial do Maternal Attachment Inventory (MAI), o qual avalia a vinculação de mães para com seus filhos. Participaram 143 mães de filhos com idades entre seis e treze anos. A análise fatorial exploratória apontou a presença de dois fatores semanticamente congruentes e complementares entre si, com 39,829% de variância. A análise de consistência interna apresentou alto nível de fidedignidade, com Alpha de Cronbrach de 0,907. O Inventário de Percepção de Vinculação Materna (IPVM) apresenta-se, portanto, como um instrumento consistente para avaliar a vinculação materna de mães com filhos de seis a treze anos de idade. Salienta-se, entretanto, a necessidade de novas investigações que possibilitem validar o instrumento para a realidade brasileira, a qual é multifacetada.

Palavras-chave: Vínculo emocional; apego; comportamento materno, análise fatorial, IPVM.

Factor Analysis of Maternal Emotional Bond

Abstract

This article is about the translation to Portuguese, adaptation and factor analysis of the Maternal Attachment Inventory (MAI), which assesses the maternal emotional bond. Participated 143 mothers of children aged between six and thirteen. The Exploratory Factor Analysis showed two factors that are semantically congruent and complementary, with 39.829% of variance. The internal consistent analysis demonstrated high level of reliability, with 0.907 of Cronbrach's Alpha. So, the IPVM represents an important and consistent instrument to evaluate maternal bond with mothers and son/daughter between 6 and 13 years. However, it is necessary the development of new investigations that enable the validation of the instrument in the Brazilian reality.

Keywords: Emotional bond; attachment; maternal behavior, factor analysis.

O apego está definido pelo relacionamento afetivo profundo entre bebê/criança e cuidador. Esta é, sem dúvida, a mais importante de todas as relações, pois o impacto do vínculo entre cuidador primário e criança é fundamental para a sobrevivência física e emocional da criança. Esse relacionamento envolve o sentimento

de segurança e conforto, sendo propulsor da condição do sujeito explorar o mundo e estabelecer outras relações interpessoais (Bowlby, 1969, 1981, 1997, 2009). Os primeiros estudos e descrições acerca de apego foram formulados no final da década de sessenta por John Bowlby (1969), o qual salientou veementemente a importância da mãe no desenvolvimento com o filho. O apego é eliciado com mais intensidade quando a criança precisa de cuidado, amparo ou conforto, ou seja, está diretamente relacionado às necessidades de sobrevivência (Bowlby, 2009). Assim, caracteriza-se por uma relação na qual uma das partes apresenta a necessidade de segurança intensa para com a outra,

¹ Psicóloga, Mestre em Psicologia Social e da Personalidade, Doutoranda em Psicologia, Terapeuta Familiar, Professora do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT), Coordenadora e Supervisora do Centro de Serviços em Psicologia (Cesep) do Curso de Psicologia da FACCAT.
Email: mariana_boeckel@yahoo.com.br

pressupondo a necessidade de proteção, nesse caso, a relação mãe-cuidador/bebê-criança é o melhor exemplo desta relação (Ainsworth, 1989; Bowlby, 2009). O apego vai se modificando de acordo com a fase de desenvolvimento da criança, sabe-se que o período gestacional já é intensamente importante para o estabelecimento desta conexão afetiva. Neste sentido, ao nascer e ao longo dos primeiros meses de vida, o apego é primordial, pois o cuidador primário passa a ser o principal recurso para a sua sobrevivência (Bowlby, 1997). Com o passar do tempo, os comportamentos de apego vão se tornando menos visíveis, na pré-escola a criança não exige mais o contato físico constante com o cuidador e, no ensino fundamental ela passa a decidir quando quer ter contato com os pais. Este processo de crescimento e separação será mais tranquilo quanto mais adequado for o apego estabelecido entre criança e figura materna (Sroufe, 1997; Bee, 2003; Sroufe *et al.*, 2005).

Segundo Oliveira, Pires, Frizzo, Ravanello e Rossolo (2002) há certa tendência em referir-se ao apego como um constructo bidirecional. No entanto, no presente estudo o termo apego será utilizado para se referir a relação entre um filho e sua mãe; e o termo vinculação à relação da mãe para com seu filho, já que esta é quem proporciona a base segura para o desenvolvimento do seu filho e não o contrário.

A vinculação da mãe com o seu filho é compreendida como a capacidade desta em proporcionar amor, cuidado e proteção suficientes para que seu filho seja contido em suas necessidades físicas e emocionais. A vinculação materna não é vivenciada de forma unilateral, a criança desempenha um papel muito importante, já que seus comportamentos são poderosos influentes nas emoções maternas. Da mesma forma, o amor, o cuidado e a proteção irão modular as reações da criança (Sroufe, 1997; Noriuchi, Kikuchi & Senoo, 2008).

Como consequência, a qualidade do apego influenciará de forma significativa os relacionamentos interpessoais que a criança irá estabelecer e/ou manter ao longo da vida, e estes serão chamados de vínculos afetivos. O apego é, então, primordial para o desenvolvimento social e emocional da pessoa em formação (Benoit, 2004). A partir disso, verifica-se a relevância de estudos que possam avaliar e compreender como se estabelece esta poderosa relação entre apego e vinculação.

Desde os primeiros estudos sobre o apego e a vinculação, teóricos buscam mensurar a sua qualidade. Esse construto pode ser avaliado a partir da utilização de diversas possibilidades metodológicas, desde perspectivas quantitativas até qualitativas. Em termos qualitativos, destaca-se a observação interacional

denominada Situação Estranha (*Ainsworth Strange Situation*) (Ainsworth, 1989), a qual influenciou significativamente as diversas iniciativas de compreender e analisar o apego (Belsky & Rovine, 1987; Spangler & Schieche, 1998; Waters, Merrick, Treboux, Crowell & Albersheim, 2000; Zeanah, Smyke, Koga & Carlson, 2005; Kidwell *et al.*, 2010).

No que se refere aos instrumentos de mensuração quantitativa percebe-se a tentativa de mensurar o apego através das representações internas que o adulto tem deste, através do *Adult Attachment Interview* (AAI) (Van-Ijzendoorn & Leiden, 1995), ou do adolescente, através do *Attachment Interview for Childhood na Adolescence* (Ammaniti, Van-Ijzendoorn, Speranza & Tambelli, 2000), do *Inventory of Peer and Parental Attachment* (IPPA) (Gullone & Robinson, 2005) e do *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (QVPM) (Mota & Matos, 2009). Já o *Attachment Style Questionnaire* (Feeney & Noller, 1994) avalia o estilo de vinculação do sujeito com outras pessoas.

Com relação à vinculação materna, a maioria dos instrumentos visa qualificar o relacionamento entre pais e filhos, assim como, o relacionamento familiar como um todo e, através desses, compreender a qualidade relacional entre pais/mães-filhos(as). Consta-se, portanto, as diversas possibilidades metodológicas existentes no estudo desta temática. Neste sentido, Lago, Amaral, Bosa e Bandeira (2010) referem que os instrumentos internacionais tendem a avaliar a vinculação parental, enquanto os nacionais, avaliam o funcionamento familiar para compreender de que forma a relação mãe e filho(a) é estabelecida.

Há, também, instrumentos que avaliam a percepção de vinculação dos pais para com seus filhos através da avaliação do estresse parental, das atitudes e dos comportamentos parentais, dentre os quais destacamos: *Parenting Stress Index* (PSI) (Abidin, 1995), *Parental Attitude Research Instrument* (PARI) (Schaefer & Bell, 1958) e o *Parent Behavior Inventory* (PBI) (Lovejoy, Weis, O'Hare & Rubin, 1999). O *Parent-Child Relations Questionnaire* (PCR) (Roe & Siegelman, 1963) e o *Parental Bonding Instrument* (Melis *et al.*, 2001; Reti *et al.*, 2002; Hauck *et al.*, 2006) avaliam a percepção que o adulto tem acerca da vinculação dos seus pais para com ele na sua retrospectiva infância. Para adultos e/ou adolescentes, evidenciam-se o *Inventário de Percepção de Suporte Familiar* (IPSF) (Baptista, 2005), o *Parental Attachment Questionnaire* (Kenny, 1987), as *Escalas de Responsividade e Exigência Parental* (Pacheco, Teixeira & Gomes, 1999; Costa, Gomes & Teixeira, 2000), o *Questionário de Estilos Parentais* (*Parental Authoritative Questionnaire* – PAQ) (Buri, 1991; Boeckel & Sarriera, 2005), entre outros.

Dentre os instrumentos que analisam propriamente a

vinculação da mãe com seu filho, salientam-se: Escala de Apego Materno Fetal (MFAS) (Feijó, 1999), *Maternal Adjustment and Maternal Attitudes* (MAMA) (Figueiredo, Mendonça & Sousa, 2004) e o *Maternal Attachment Inventory* (MAI) (Muller, 1994).

O *Maternal Attachment Inventory* (MAI), o qual é o instrumento analisado no presente artigo, foi elaborado para avaliar a relação de vinculação entre mães e bebês, sendo este construto, inicialmente, compreendido a partir da perspectiva unidimensional (Muller, 1994). Já Shin e Kim (2007) traduziram e adaptaram o MAI para a população de mães e bebês coreanos e identificaram três fatores presentes no construto vinculação materna, sendo o primeiro referente aos sentimentos de amor e prazer da mãe durante a interação com a criança, o segundo associado aos sentimentos durante a interação mãe-filho e às preocupações da mãe para com o mesmo, e o terceiro relacionado ao conhecimento e reconhecimento materno com relação às necessidades do bebê. Evidenciam-se diversas possibilidades de acessar e compreender esta importante relação afetiva.

Partindo desta breve revisão, percebe-se que a maioria dos instrumentos centra-se na mensuração dos estilos de apego do adolescente ou do adulto, da vinculação parental, do vínculo entre mães e recém-nascidos (ou ao longo da gestação ou dos primeiros meses de vida) ou, ainda, das interações familiares. Por conseguinte, verifica-se a necessidade de instrumentos que busquem avaliar quantitativamente a percepção acerca do vínculo de mães para com seus filhos em idade escolar, ou seja, avaliar o quanto as mães estão suficientemente vinculadas aos seus filhos a ponto de estabelecer com eles uma vinculação adequada nesta faixa etária. Com este intuito, o presente artigo intenciona, primeiramente, apresentar a tradução e adaptação ao português do instrumento original *Maternal Attachment Inventory* (MAI) (Muller, 1994), denominando, então, Inventário sobre Percepção da Vinculação Materna (IPVM). O instrumento original (MAI) é orientado para avaliar vinculação entre mães de filhos(as) de até um ano de vida, sendo assim, fez-se necessário, além da tradução e adaptação linguística, a adaptação das questões para a população de mães com filhos(as) de 6 a 13 anos de idade. Realizou-se, também, a Análise Fatorial Exploratória do IPVM, na qual se buscaram evidências de validade por meio da verificação da estrutura fatorial do instrumento.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 143 mães de filhos de 6 a 13 anos, residentes da região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul (BR). A idade média

das mães foi 37,07 (desvio padrão = 6,63), e dos filhos de 9,21 (desvio padrão = 1,81). Quanto à escolaridade, 24,6% das mães haviam estudado até o ensino fundamental, 36,6% até o ensino médio, enquanto que 36% das mães haviam finalizado o ensino superior e 2,8% haviam realizado pós-graduação. A amostra não probabilística foi selecionada por conveniência.

Instrumento

O MAI (*Maternal Attachment Inventory*) (Muller, 1994) visa avaliar quantitativamente a percepção de vinculação das mães com os seus filhos com menos de um ano de vida. O instrumento original foi construído com o designio de identificar a vinculação das mães para com seus filhos nos primeiros meses de vida. Muller aplicou, primeiramente, em 62 mães com filhos de quatro meses de vida, obtendo o *Alpha de Cronbach* de 0,76; em seguida, aplicou em 84 mães com filhos de oito meses, e obteve o *Alpha de Cronbach* de 0,85. Vale ressaltar que o instrumento original era composto por 31 questões hipotéticas a serem respondidas em uma escala likert de 4 pontos (*almost always, often, sometimes, almost, never*); no entanto, conforme avaliação da consistência interna, foram excluídas 5 questões, resultando em um instrumento de 26 itens. Shin e Kim (2007) realizaram adaptação e avaliação psicométrica do MAI na realidade coreana, utilizaram a versão de 26 itens e obtiveram *Alpha de Cronbach* de 0,94.

Para o presente estudo, traduziu-se e adaptou-se a versão original (a qual se dirige às mães com filhos com menos de um ano de vida) para mães com filhos de seis a treze anos de vida. Esse processo exigiu não somente a tradução linguística, mas a avaliação e adaptação das questões para filhos com significativa diferença de idade. Sendo assim, o processo de tradução e adaptação do MAI (Muller, 1994) foi realizado através de seis juízes, os quais eram *experts* da área e tinham domínio da língua inglesa. Coube aos juízes a tradução, adaptação, análise semântica e conceitual de cada item que compõe o instrumento. Foi obtido um coeficiente de concordância de *Kappa de Cohen* de 0,75. Com relação à Análise de Conteúdo e de Aparência, o instrumento traduzido foi aplicado em 10 mães com filhos de seis a treze anos. A partir disso, foram realizados os ajustes necessários, mantiveram-se os 26 itens da escala original e foi acrescentado mais um ponto na escala *likert*, totalizando cinco pontos. Ampliou-se para cinco pontos a escala *likert* devido à queixa referenciada pelas mães em haver poucos itens na grade de opções de respostas. No que tange à Análise de Consistência Interna, realizada através do teste de *Alpha de Cronbach*, verificou-se coeficiente de 0,907.

Coleta de dados e procedimentos éticos

As mães foram selecionadas aleatoriamente e convidadas a participar da pesquisa. Após a apresentação do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, as mães participantes foram orientadas a preencher o inventário. Foi garantido o caráter voluntário da participação. A pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) sob número 10/05302.

Resultados

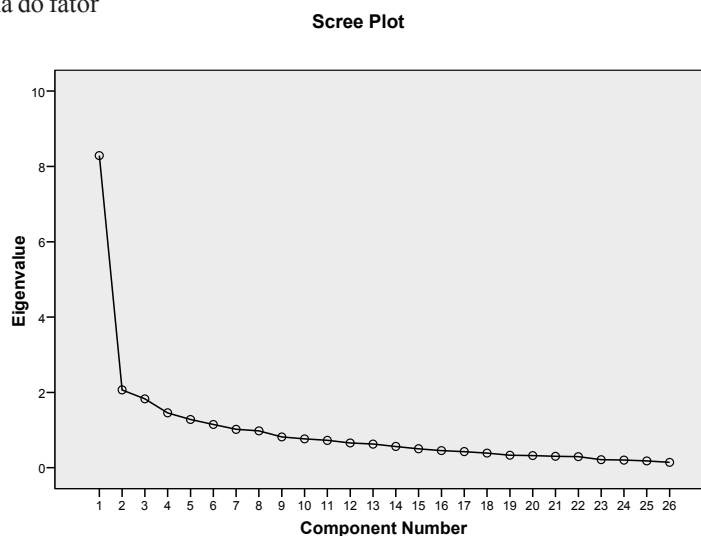
Consistência Interna

A análise da consistência interna do IPVM evidenciou altos níveis de fidedignidade (0,907). No que tange à avaliação dos fatores, foram obtidos os coeficientes 0,909 no fator 1, e 0,483 no fator 2. Observa-se nível satisfatório no fator 1 e consistência bastante frágil no fator 2, demonstrando a valência e importância do fator 1 e proximidade do fator 2 ao 1.

Análise Fatorial

Para a realização da análise fatorial exploratória, foram incluídos os 26 itens do IPVM. Inicialmente o Programa SPSS versão 15.0 identificou sete fatores composto por itens com autovalores maiores que 1,02. No entanto, nessa versão a distribuição de itens deu-se de forma pouco homogênea, sendo três fatores com somente um item; assim como pouca similaridade semântica. Através do gráfico de sedimentação (*Scree Plot*) com um mínimo de 5% da variância por fator, o qual apresenta a distribuição gráfica dos autovalores e componentes principais, identificou-se a possibilidade da distribuição de dois fatores (Figura 1). Assim sendo, optou-se pela análise fatorial exploratória a partir de dois fatores, os quais, também, apresentaram maior congruência semântica e distribuição mais equilibrada dos itens em cada fator.

Figura 1. Gráfico de sedimentação dos autovalores obtidos na análise fatorial exploratória do IPVM.



A partir da resposta de 143 participantes, verificou-se o gráfico de sedimentação e os fatores foram extraídos da análise de componentes principais. Para tanto, utilizou-se a regra de Kaiser, a qual pressupõe a retenção dos valores com autovalor maior que 1 (0,848; $p=0,000$). A análise demonstrou a presença de dois

fatores com autovalores iniciais superiores a 2,067, os quais serão considerados neste estudo. O total do fator explica 39,829% da variância total das respostas das mães. O primeiro fator explica 31,879% da variância e o segundo 7,95% (Tabela 1).

Tabela 1
Variância total explicada para dois fatores

Componente	Autovalores iniciais		Soma das saturações ao quadrado da rotação	
	Total	% da variância	% acumulado	
1	8,289	31,879	31,879	
2	2,067	7,950	39,829	

Método de extração: análise de componentes principais.

Os critérios de seleção de um item para um determinado fator foram: ter carga fatorial superior ou igual a 0,40 (positiva ou negativa), sendo este nível considerado significativo (Stevens, 2009), e ter congruência semântica com os demais itens que compõem o fator. No entanto, houve dois itens com carga fatorial inferior a 0,4, os quais serão comentados ao longo do presente artigo. As Tabelas 2 e 3 descrevem as cargas fatoriais, o percentual da variância, os autovalores e *Alphas* de *Cronbach* com relação aos dois fatores.

Na Tabela 2, observa-se que os itens que compõem o primeiro fator referem-se essencialmente à *interação e afeto* da mãe para com seu filho, tais como interação

direta, cuidado e conexão afetiva. Pode-se verificar que 19 dos 20 itens deste fator apresentam valores maiores que 0,43, aspecto que aumenta a carga do fator. No entanto, o item 6 apresenta valor de 0,273, demonstrando conteúdo de menor identificação com demais itens da escala. Identifica-se que os itens 15, 16, 24, 4, 11, 13 e 2 do instrumento são os que apresentam maiores valores, todos acima de 0,68. Já os itens 26, 3, 10, 25, 9, 5, 23, 12, 17, 19, 1 e 18 apresentam valores entre 0,43 e 0,65. Com relação à consistência interna, os 20 itens do fator 1 são suficientemente consistentes entre si, apresentam elevado nível de *Alpha* de *Cronbach*, 0,909.

Tabela 2

Carga fatorial, percentual da variância, autovalores e Alphas de Cronbach referentes ao Fator 1- Interação e afeto

Itens	Fator 1
	Interação e afeto
15. É divertido estar com meu filho(a)	0,810
16. Eu gosto de ter meu filho(a) aconchegado em mim	0,777
24. Eu dou uma atenção especial ao meu filho(a)	0,761
04. Eu procuro ficar com meu filho(a)	0,719
11. Eu gosto de abraçar o meu filho(a)	0,716
13. Eu quero meu filho(a) perto de mim	0,713
02. Eu me sinto afetuosa e feliz com meu filho(a)	0,689
26. Amar meu filho(a) é fácil	0,649
03. Eu quero passar mais tempo com meu filho(a)	0,637
10. Eu gosto de olhar nos olhos do meu filho(a)	0,628
25. Eu acalmo meu filho(a) quando ele/ela está triste/chorando	0,602
09. Eu me sinto especial quando meu filho(a) sorri	0,552
05. Somente olhar pro meu filho(a) faz com que eu me sintam bem	0,552
23. Eu entendo o que meu filho(a) quer dizer	0,549
12. Eu observo se meu filho(a) está bem	0,521
17. Eu tenho orgulho do meu filho(a)	0,515
19. Eu penso muito no meu filho(a)	0,470
01. Eu sinto amor pelo meu filho(a)	0,451
18. Eu gosto de ver meu filho(a) fazer coisas novas	0,436
06. Eu sei que o meu filho(a) precisa de mim	0,273
Percentual de variância	31,879
Autovalores	8,289
Coeficiente de <i>Alpha</i> de <i>Cronbach</i>	0,909

Já a Tabela 3 é composta pelas questões que integram o fator 2. Esse fator refere-se aos conteúdos de percepção materna em relação à sua vinculação para com seu filho. Verifica-se que dos 10 itens, nove apresentam

valores acima de 0,42, exceto o item 7, que apresenta - 0,267. Essas informações corroboram com o *Alpha de Cronbach* 0,483, o qual evidencia baixos níveis de consistência interna entre as questões.

Tabela 3

Carga fatorial, percentual da variância, autovalores e Alpha de Cronbach referentes ao Fator 2 - Percepção materna

Itens	Fator 2
	<i>Percepção materna</i>
20. Eu conheço bem o jeito do meu filho(a)	0,563
08. Fico contente que este seja meu filho(a)	- 0,508
22. Eu sei que eu sou importante para o meu filho(a)	0,502
21. Eu quero que meu filho(a) confie em mim	0,442
14. Eu converso sobre meu filho(a) com os outros	0,421
07. Eu acho meu filho(a) bonito(a)	- 0,267
Percentual de variância	7,950
Autovalores	2,067
Coeficiente de <i>Alpha de Cronbach</i>	0,483

Através da análise fatorial, foi possível a compreensão do efeito da variável latente (vinculação materna) nas variáveis manifestas/verificáveis (itens do instrumento). A partir disso, como explicitado das Tabelas 2 e 3, verificou-se a existência de dois fatores, os quais são semanticamente congruentes. Assim como, complementares entre si no que tange ao construto de vinculação materna como um todo, baseando-se no fato de que os dois fatores medem o mesmo constructo, e os padrões de correlação com as variáveis são praticamente similares.

Discussão

A interpretação dos fatores foi realizada partindo da análise e compreensão dos itens que mais intensificam a consistência de cada fator (Tabela 2 e 3).

No primeiro fator, o qual diz respeito à *interação e afeto* da mãe para com o seu filho (interação direta, cuidado e conexão afetiva), percebe-se que os itens de maior carga (>0,68) se referem explicitamente à interação, contato físico e afetivo da mãe com o filho (itens 15, 16, 24, 4, 11, 13, 2, 26, 3, 10 e 25) (Tabela 2). Esses itens vão ao encontro à compreensão de Bowlby de apego e vinculação como relações calorosas, de intimidade e estáveis ao longo do tempo, relações nas quais o contato físico e a vinculação emocional são

fundamentais (Bowlby, 1969, 1981, 1997; Benoit, 2004; Sroufe *et al.*, 2005). As questões 9, 5, 23, 12, 17, 19, 1 e 18, com cargas entre 0,43 e 0,55, referem-se, além da conexão emocional, aos sentimentos da mãe para com seu filho e ao consentimento do desenvolvimento e das necessidades dele; ou seja, visam à sustentação a esse desenvolvimento e a sua disponibilidade como figura de apoio e proteção. Todos os itens deste fator pressupõem, em alguma medida, a conexão da mãe com o seu filho.

No entanto, o item com menor carga (6. Eu sei que meu filho(a) precisa de mim), ainda que apresente conteúdo semelhante aos itens comentados acima, divergiu intensamente na composição do fator, dificultando o acesso a real resposta das mães. O estudo de Shin e Kim (2007), também, evidenciou baixa carga nesta questão (0,38). Pode-se pensar que a questão não se refere à interação propriamente dita, mas ao conhecimento que a mãe tem sobre as necessidades do filho. O comportamento de apego entre o filho com a mãe se modifica durante o processo de desenvolvimento deste, especialmente no final da infância e início da adolescência, quando se intensifica o processo de individuação e separação (Sroufe *et al.*, 2005) e, esse pode ser um dos aspectos que influenciou as respostas das participantes da presente pesquisa, já que a faixa etária dos filhos variou entre seis e treze anos.

O segundo fator faz alusão à *percepção materna* em relação à sua vinculação para com seu filho (Tabela 3). As questões 20, 8, 22, 21 e 14 (cargas entre 0,42 e 0,56) explicitam conteúdos perceptivos da mãe no que tange a ser ou se considerar figura de apoio, ser importante para o desenvolvimento do filho (20. Eu conheço bem o jeito do meu filho(a)); assim como, desejos e expectativas relacionais da mãe com relação ao filho (21. Eu quero que meu filho(a) confie em mim). Neste mesmo sentido, a questão 14 (Eu converso sobre meu filho(a) com os outros), pressupõe a inclusão da temática filho/a em diferentes esferas da vida da mãe. Bowlby (1981) salienta que todo filho necessita saber que é motivo de orgulho e prazer para sua mãe; da mesma forma, as mães precisam saber que são importantes para os mesmos. Deste modo, faz-se necessário haver uma profunda identificação de um com o outro.

Entretanto, o item 7 (Eu acho meu filho(a) bonito) apresentou carga pouco significativa (-0,267). Acredita-se que a adaptação desta questão do instrumento original, o qual era dirigido a mães de recém-nascidos, para mães de filhos em idade escolar de seis a 13 anos, tenha enfraquecido a valência deste fator. Sabe-se que é muito distinta a percepção materna de cuidado, fragilidade e beleza de bebês quando comparadas à de crianças e adolescentes em idade escolar. O apego, assim como as percepções maternas, conforme comentado por Bee (2003) e Sroufe *et al.* (2005), transformam-se de acordo com a fase desenvolvimental do filho.

Os fatores *interação e afeto e percepção materna* incluem os principais pressupostos postulados pelos teóricos acerca da dimensão de apego e vinculação, sendo fatores interdependentes e complementares. Percebe-se, no entanto, maior autonomia do primeiro fator, o qual incluiu número significativamente maior de itens, e, também, maior consistência interna. Pode-se pensar que o segundo fator tenha apresentado nível insatisfatório de *Alpha* de *Cronbach* tendo em vista o reduzido número de itens que o compõem, assim como a variabilidade nas respostas, já que se refere às percepções da mãe em relação à sua vinculação para com seu filho. Sugere-se que essa baixa consistência possa ser decorrente do próprio processo de adaptação à diferente faixa etária, já que, conforme comentado acima, é bastante diferenciada a percepção de vinculação materna com relação a recém-nascidos e a percepção de vinculação materna para com filhos (crianças ou adolescentes) em idade escolar. Além disso, através regra de Kaiser foi obtido coeficiente de 0.848 ($p=0,000$), denunciando alta correlação e interdependência entre os fatores.

Os achados aqui descritos, em alguma medida, corroboram aos resultados da análise fatorial realizada por Shin e Kim (2007). Esses autores traduziram e adaptaram o MAI (Muller, 1994) para mães de recém-

nascidos coreanos. Shin e Kim (2007) identificaram três fatores: o primeiro refere-se essencialmente ao desejo de proximidade da mãe para com o bebê (sentimentos de amor e prazer da mãe durante o período interativo com a criança), o segundo associa-se aos sentimentos mais tranquilos durante a interação mãe-filho e às preocupações da mãe para com o mesmo. Já o terceiro fator, incluiu itens que representam o conhecimento e reconhecimento materno com relação às necessidades do bebê. Ademais, o primeiro fator descrito por eles, inclui a maior parte da variância (45,11%). Percebe-se que, em especial, o primeiro e o terceiro fator são congruentes aos dois fatores encontrados no presente estudo; assim como, a maior parte da variância está presente em um dos fatores (31,879%).

Os resultados do presente estudo demonstram o quanto a variável vinculação materna inclui os conteúdos expressos nos dois fatores aqui analisados; assim como, nos três fatores descritos por Shin e Kim (2007). Muller (1994), a autora original do instrumento, o descreveu como unidimensional, aspecto que, de certa forma, explica a interdependência entre os fatores, bem como, a maior variância em um dos fatores.

Considerações Finais

A análise fatorial do IPVM (Inventário Percepção de Vinculação Materna) possibilitou a identificação de dois fatores existentes no instrumento, os quais conjuntamente explicam 39,829% da variância total encontrada. Ambos os fatores apresentam maior significância quando aplicados conjuntamente, uma vez que o construto da vinculação materna está presente nos dois fatores. Na relação mãe-filho(a), a *interação e o afeto e as percepções maternas* são aspectos fundamentais para o estabelecimento de uma boa vinculação materna, bem como do apego do filho(a) com a mãe.

A avaliação da relação entre mães e filhos é atual e proeminente. Através desta, torna-se viável identificar os aspectos que necessitam de maiores investimentos para a viabilização de estratégias interventivas em políticas públicas. Está mais do que comprovado a importância desta relação primária para o desenvolvimento biopsicossocial minimamente satisfatório.

O presente estudo reforça a necessidade do desenvolvimento de mais investigações acerca da vinculação das mães com seus filhos. Foram poucos os instrumentos encontrados que avaliam essa vinculação e, na maioria, são dirigidos para o período da gestação. A Escala de Apego Materno Fetal (MFAS) (Feijó, 1999) e o *Maternal Adjustment and Maternal Attitudes* (MAMA) (Figueiredo, Mendonça & Sousa, 2004) avaliam a vinculação da mãe durante a gravidez do filho e, o *Maternal Attachment Inventory* (MAI) (Muller, 1994)

avalia a vinculação da mãe com crianças com menos de um ano de vida. Desses instrumentos, apenas o MFAS foi adaptado e validado para o Brasil, e o MAMA foi traduzido e validado para Portugal.

Assim, o IPVM apresenta-se como um instrumento consistente para avaliar a vinculação materna, de mães de filhos de seis a treze anos de idade. O instrumento apresentou uma alta fidedignidade na sua consistência e, a variância encontrada justifica a compreensão da vinculação materna como um constructo complexo e tão importante para o desenvolvimento do ser humano.

Os achados aqui descritos salientam a necessidade da elaboração de novos estudos com maior poder amostral, que objetivem comparar os fatores subjacentes do Inventário Percepção de Vinculação Materna com os dois fatores descritos no presente estudo. Faz-se importante o desenvolvimento de novas investigações que possibilitem validar o instrumento na realidade brasileira.

Referências

- Abidin, R. R. *Parenting Stress Index (PSI)*. Psychological Assessment Resources. 1995. Recuperado em 2 de março de 2011, de http://www.friendsnrc.org/component/joomdoc/doc_details/238-parenting-stressindex-annot.
- Ainsworth, M. D. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44(4), 709-716.
- Ammaniti, M., Van-Ijzendoorn, M., Speranza, A. & Tambelli, R. (2000). Internal working models of attachment during late childhood and early adolescence: an exploration of stability and change. *Attachment and Human Development*, 2(3), 328-346.
- Baptista, M. N. (2005). Desenvolvimento do Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF): estudos psicométricos preliminares. *Psico-USF*, 10(1), 11-19.
- Bee, H. (2003). *A criança em desenvolvimento*. Porto Alegre: Artmed.
- Belsky, J. & Rovine, M. (1987). Temperament and Attachment Security in the Strange Situation: An empirical rapprochement. *Child Development*, 58, 787-795.
- Benoit, D. (2004). Infant-parent attachment: definition, types, antecedents, measurement and outcome. *Paediatrics Child Health*, 9(8), 541-545.
- Boeckel, M. G. & Sarriera, J. C. (2005). Análise Fatorial do Questionário de Estilos Parentais (PAQ) em uma Amostra de Adultos Jovens Universitários. *Psico-USF*, 10(1), 1-9.
- Bowlby, J. (1969). *Apego e perda*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1981). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1997). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (2009). *Apego: a natureza do vínculo* (Vol. 1). São Paulo: Martins Fontes.
- Buri, J. R. (1991). Parental Authority Questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 57(1), 110-119.
- Costa, F. T., Gomes, W. B. & Teixeira, M. A. P. (2000). Responsividade e Exigência: dois questionários para avaliar estilos parentais. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 13(3), 465-473.
- Feeney, J. A. & Noller, P. (1994). Assessing Adult Attachment. In M. B. Sperling & W. H. Berman (Eds). *Attachments in Adults: Clinical and developmental perspectives*. New York: Guilford.
- Feijó, M. C. (1999). Validação brasileira da Maternal-Fetal Attachment Scale. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 51(4), 52-62.
- Figueiredo, B., Mendonça, M. & Sousa, R. (2004). Versão Portuguesa do Maternal Adjustment and Maternal Attitudes (MAMA). *Psicologia, Saúde e Doenças*, 5(1), 31-51.
- Gullone, E. & Robinson, K. (2005). The Inventory of parent and peer attachment – revised (IPPA-R) for children: a psychometric investigation. *Clinical Psychology Psychotherapy*, 12(1), 67-79.
- Hauck, S., Schestatsky, S., Terra, L., Knijnik, L., Sanchez, P. & Ceitlin, L. H. F. (2006). Adaptação transcultural para o português brasileiro do Parental Bonding Instrument (PBI). *Revista de Psiquiatria*, 28(2), 162-168.
- Kenny, M. E. (1987). The extent and function of parental attachment among first-year college students. *Journal of Youth and Adolescence*, 16, 17-27.
- Kidwell, S. L., Young, M. E., Hinkle, L. D., Ratliff, A. D., Marcum, M. E. & Martin, C. N. (2010). Emotional competence and behavior problems: Differences across Preschool Assessment of Attachment classifications. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 15(3), 391-406.
- Lago, V. M., Amaral, C. E. S., Bosa, C. A. & Bandeira, D. R. (2010). Instrumentos que avaliam a relação entre pais e filhos. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 20(2), 330-341.
- Lovejoy, M. C., Weis, R., O'Hare, E., Rubin, E. (1999). Development and initial validation of the Parent Behavior Inventory. *American Psychological Association*, 11(4), 534-545.
- Melis, F., Dávila, M. A., Ormeño, V., Vera, V., Greppi, C. & Gloger, S. (2001). Estandarización del P.B.I., versión adaptada a la población entre 16-64 año del Gran Santiago. *Revista Chilena Neuro-Psiquiatria*, 39(2), 132-139.
- Mota, C. T. & Matos, P. M. (2009). Apego, Conflito e Auto-Estima em Adolescentes de Famílias Intactas e Divorciadas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 344-352.
- Muller, M. E. (1994). A questionnaire to measure mother to infant attachment. *Journal of Nursing Measurement*, 2(2), 129-141.
- Noriuchi, M., Kikuchi, Y. & Senoo, A. (2008). The functional neuroanatomy of maternal love: mother's response to infant's attachment behaviors. *Biological Psychiatry*, 63, 415-423.
- Oliveira, E. A., Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravello, T. & Rossolo, C. (2002). Estilos Parentais Autoritário e Democrático-Recíproco Intergeracionais, Conflito Conjugal e Comportamentos de Externalização e Internalização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 1-11.
- Pacheco, J. T. B., Texeira, M. A. P. & Gomes, W. B. (1999). Estilos Parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(2), 117-126.
- Reti, I. M., Samuels, J. F., Eaton, W. W., Bienvenu, O. J., Costa Jr, P. T. & Nestadt, G. (2002). Influences of parenting on normal personality traits. *Psychiatry Research*, 111, 55-64.
- Roe, A. & Siegelman, M. (1963). A parent-child relations questionnaire. *Child Development*, 34, 355-366.
- Schaefer, E. S. & Bell, R. Q. (1958). Development of Parental Attitude Research Instrument. *Child Development*, 29, 339-361.
- Shin, H. & Kim, Y. H. (2007) Maternal Attachment Inventory: psychometric evaluation of the Korean version. *Journal of Advanced Nursing*, 59(3), 299-307.
- Spangler, G. & Schieche, M. (1998). Emotional and Adrenocortical Responses of Infants to the Strange Situation: The differential function of emotional expression. *International Journal of Behavioral Development*, 22, 681-706.
- Sroufe, L.A. (1997). *Emotional Development – The organization of emotional life in the early years*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Sroufe, L. A., Egeland, B., Carlson, E. & Collins, W. E. (2005). Placing Early Attachment Experiences in Development Context. In: K. E. Gossman, K. Grossmann & E. Waters (Eds.), *Attachment from Infancy to Adulthood*. (pp. 48-70). New York: Guilford Press.
- Stevens, J. P. (2009). *Applied Multivariate Statistics for the Social Science*. New York: Routledge.
- Van Ijzendoorn, M. & Leiden, U. (1995). Adult attachment representations, parental responsiveness, and infant attachment: a meta-analysis on the predictive validity of the Adult Attachment Interview. *Psychological Bulletin*, 117(3), 387-403.
- Waters, E., Merrick, S., Treboux, D., Crowell, J. & Albersheim, L. (2000). Attachment Security in Infancy and Early Adulthood: A twenty-year longitudinal study. *Child Development*, 71(3), 684-689.
- Zeanah, C. H., Smyke, A. T., Koga1, S. F. & Carlson, E. (2005). Attachment in Institutionalized and Community Children in Romania. *Child Development*, 76(5), 1015-1028.

ANEXO - Inventário Percepção de Vinculação Materna – IPVM

Received 06/20/2011

Accepted 11/17/2011

Mariana G. Boeckel. Faculdades Integradas

Taquara, RS, Brazil

Adriana Wagner. Faculdades Integradas

Taquara, RS, Brazil

Fernanda Ritter. Faculdades Integradas

Taquara, RS, Brazil

Luiza Sohne. Faculdades Integradas

Taquara, RS, Brazil

Silvia Schein. Faculdades Integradas

Taquara, RS, Brazil

Rodrigo Grassi-Oliveira. Faculdades Integradas

Taquara, RS, Brazil